

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Teoria e Método da Pesquisa em Comunicação



Iana Maciel | 10743105
Igor Souza | 10802149
Isabella Silva | 10695314
Mariana Gomes | 10695335

TODO DIA UM BRANCO PASSANDO VERGONHA:
UMA PESQUISA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A APROPRIAÇÃO
CULTURAL E O DISCURSO DO RACISMO REVERSO

São Paulo — SP
2019

RESUMO

Inicialmente, o grupo crê que há uma relação entre as interações com a página *Todo dia um branco passando vergonha* com os ideais de racismo reverso fomentados pelos internautas. Além disso, entendemos que esse juízo está atrelado com o fenômeno da apropriação cultural. Isso porque, brancos que não se sentem ofendidos com a resistência negra, os quais comumente compartilham do senso (ou da falta de) do "racismo reverso", geralmente acabam por querer falar em nome dessa comunidade e, portanto, acabam retirando-lhes o lugar de fala e, em alguns casos, apropriando-se de sua cultura por mera ignorância ou por uma tentativa errônea de "militar". O grupo procurará, em sua pesquisa e tendo como objeto principal as postagens e os comentários do público da referida página do Facebook, corroborar ou contestar com a teoria inicial. Resultados podem, ou não, serem os esperados.

Palavras-chave: racismo; "racismo reverso"; cultura negra; identidade étnica; apropriação cultural; comunidade virtual; rap.

INTRODUÇÃO

Em agosto de 2018, a página *Todo dia um branco passando vergonha no rap* foi criada com o objetivo de discutir a presença de pessoas brancas na cultura Hip Hop. Eram feitas postagens diárias que comparavam o rap negro com o rap branco, o que acabou por desencadear uma discussão muito importante para a sociedade atual a respeito da apropriação da cultura negra.

Com o tempo, essa discussão cresceu dentro da página, principalmente por conta dos comentários deixados por internautas que acusavam os administradores de cometer racismo reverso. A página passou, então, a se chamar *Todo dia um branco passando vergonha* e a discutir apropriação cultural e racismo para além do cenário do rap.

Todos os dias milhares de pessoas interagem com as postagens feitas na página, expressando a questão da identidade.

Em vista disso, a página *Todo dia um branco passando vergonha* foi escolhida como objeto de pesquisa dentre os vários meios que discutem o tema pois suas postagens e comentários evidenciam uma possível relação entre o fenômeno da apropriação da cultura negra e o discurso de racismo reverso. A pesquisa, portanto, irá averiguar a existência dessa relação e suas condições.

QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

Falar sobre um tema polêmico como o racismo (e suas variantes, tal qual o **mito** do racismo reverso) sempre causa impacto e gera calorosas argumentações. Sobre o assunto, a depender do âmbito onde se ocorrem essas discussões, ~~acabam-se~~ preponderando discursos que mistificam a globalizada supremacia branca, gatilho para criar-se a teoria de que negros e pardos, em suas comunidades, praticam segregação com os brancos e que, portanto, se tornaria válido continuar a reproduzir o racismo que já conhecemos e que se faz natural em nossa sociedade por milênios da história.

Mesmo quando isso não acontece, é comum, ainda, haver a apropriação cultural por parte de brancos "politizados", o que acaba por retirar o lugar de fala que naturalmente deveria pertencer a quem tem relação direta com a cultura africana.

Dessa forma, a questão de tomar como ponto de partida a existência da página vista por olhares tão extremos abre-nos uma possibilidade discutir, sob a legitimação de uma fala negra, acerca da dominante tentativa de invalidação de tal.

Noções de Raça e Racismo

A noção de raça é um conceito que obedece diversas diretrizes para classificar as diferentes populações de uma determinada espécie. Essa noção se dá de acordo com o conjunto de características físicas hereditárias dos indivíduos como cor da pele, formato da cabeça, cabelo etc. Atualmente, no campo etnológico, essa noção tem sido veementemente rejeitada, pois os etnólogos consideram a proximidade cultural muito mais importante do que o fator racial, preferindo, assim, definir os indivíduos etnicamente e não racialmente¹.

A partir da noção de raça apresentada, pode-se definir racismo como preconceito e discriminação baseados pura e unicamente em critérios raciais e em tudo o que é produzido pela “raça” discriminada. O racismo se estabelece por meio de “relações de poder” em que pessoas acreditam e disseminam a ideia de que uma dada raça é superior a outra(s) sendo baseado em diferenças biológicas, culturais e sociais. Assim, segundo essa crença, os grupos

¹ **Definição oferecida pelo dicionário do Google.**

racionalmente distintos devem ser tratados de forma diferente de acordo com o grau de superioridade ou inferioridade.²

Muitos acreditam que no Brasil o racismo foi extinto há décadas, porém, o que não se leva em conta é o fato de que o racismo não se mostra apenas em ações física e verbalmente violentas, mas também em falas e atos do dia a dia um tanto mais sutis que não aparentam ser racismo, a menos que se observe com atenção ou que se esteja do lado atingido. Porém, isso vem mudando com o passar do tempo, e a população brasileira, devido, principalmente, ao esforço da comunidade negra, tem passado a enxergar o racismo em seus próprios atos.

Apropriação Cultural

Apropriação cultural ocorre quando elementos de uma cultura, normalmente inferiorizada e/ou marginalizada, são “adotados” por uma cultura dita dominante. Esses elementos costumam ser músicas, vestimentas, línguas e até comportamentos sociais. No âmbito da apropriação cultural, as pessoas que não fazem parte de determinada cultura se apropriam de seus elementos ignorando as histórias, procedência e até mesmo a sacralidade desses elementos banalizando-os como meros acessórios e adereços decorativos³.

No Brasil, o assunto gera muita controvérsia, polêmicas e dúvidas, pois elementos da cultura indígena e negra, principalmente, costumam ser usados como fantasias e adereços carnavalescos, o que fomenta a discussão sobre apropriação cultural. De um lado há aqueles que propagam que "cada um usa o que quer" e do outro, aqueles que defendem o respeito às diferentes culturas e que outras culturas e etnias não são fantasias.

É possível perceber nas redes sociais um grande avanço nesse sentido, visto que alguns anos atrás, as pessoas menos escolarizadas e/ou fora do ambiente acadêmico costumavam pensar como os do primeiro grupo, mas, atualmente, percebe-se que o discurso de respeito às diferentes culturas tem crescido e ganhado cada vez mais força⁴.

² *Idem.*

³ *Lisandra Barbosa Macedo Pinheiro, 2015.*

⁴ *Talita Brasil e Silva, 2017.*

História do Rap

O rap, ou o seu precedente, surgiu na década de 60 na Jamaica em bailes de rua que serviam de fundo para que algumas pessoas denominadas mestres de cerimônia falassem/cantassem sobre a realidade vivida nas ruas jamaicanas, como os casos de violência nas favelas e a situação política da época. Com o passar do tempo aconteceu uma fusão entre música e discurso gerando o que conhecemos atualmente como rap. No início da década de 70, devido, principalmente, a crise econômica e social que assolava a Jamaica naquele momento, os jovens jamaicanos foram forçados a imigrar para os Estados Unidos e ~~esses jovens~~ levaram o som para os EUA introduzindo-o na cultura norte americana. O rap, assim como outros ritmos, era voltado e produzido principalmente para e pela população de classe mais baixa, mas, com o passar do tempo passou a fazer parte de todas as classes sociais sem, apesar de passar por modificações, se desviar de seu objetivo principal que era/é a resistência da comunidade negra e pobre e a discussão acerca das mazelas que os rondam⁵.

"Racismo Reverso"

Racismo reverso é a ideia de que um grupo historicamente dominante sofre com atos de discriminação e preconceito praticados pela outra parte, ou seja, uma minoria racial ou grupos étnicos antes dominados pela dita maioria, estariam exercendo uma opressão e “dominação” sobre essa maioria. Racismo reverso é algo como um racismo que não ocorre nos moldes convencionais: maioria > minoria e sim, o inverso⁶.

No Brasil, o termo passou a ser visto com mais frequência há poucos anos, quando foram implantadas no país as ações afirmativas em forma de cotas sociais e raciais, que visavam maior inserção dos grupos marginalizados nas universidades, concomitantemente, a população negra passou a se mostrar com mais força e reivindicar pautas como maior representatividade tanto na mídia, programas e propagandas televisivas, principalmente, quando na sociedade de forma geral, como nas universidades e mercado de trabalho, ambientes que costumam ser predominantemente brancos.

A partir desses acontecimentos, parte da população branca percebeu o sistema de cotas e as reivindicações da comunidade negra como concessão de privilégios e reivindicação de benefícios. A partir de então, o discurso do racismo reverso passou a ser veiculado,

⁵ Disponível em: <<https://www.oh2c.com.br/historia-do-mc/>>. Acesso em: 17 jun. 2019

⁶ Renata Nascimento da Silva, 2018.

principalmente nas redes sociais, sempre que algum direito era conquistado pela comunidade negra, como maior representatividade midiática e mercadológica, por exemplo.

HIPÓTESE

Tendo sido criada para expôr a apropriação cultural por parte dos brancos diante da existência política de resistência negra do rap, a hipótese do grupo é de que a página *Todo dia um branco passando vergonha* passou a ser gatilho para o dito "racismo reverso". O termo não surgiu ali, no entanto, teve seu uso severamente ampliado na rede ao passo que as curtidas da página cresceram e ela teve um *boom* de compartilhamentos.

Isso porque, diante de acusações de apropriação e colocados sob uma posição de humilhação diante da comunidade de negros e de demais apoiadores que acompanham e aprovam as publicações da página, um grande número de brancos passou a se sentir ofendido. Clamam, entre outras coisas, que o rap não pertence apenas a negros. Mas é justamente esse discurso que os conteúdos da página criticam: a atuação de artistas brancos no especificado gênero musical, cuja criação está embasada na denúncia da sociedade racista. Como denunciar o racismo se você não o sofre? — é uma das perguntas implícitas nas postagens. Os posts de *Todo dia um branco passando vergonha*, portanto, legitimizam a questão de que o rap foi feito para dar voz à vivência do indivíduo negro enquanto indivíduo negro, ou seja, suas dificuldades sociais, econômicas e sua luta diária contra o preconceito.

Pela primeira vez, então, colocados sob o papel de vítima de repúdio devido à cor de sua pele, muitos brancos sem a consciência de apropriação cultural, e também totalmente alheios à verdadeira experiência do racismo, passaram a se valer do **mito** do racismo reverso para se defender das denúncias. Mas será que essa justificativa é válida? Ou que ela apenas reforça um racismo estrutural, já que a população branca, que sempre foi privilegiada por sua cor, apenas banaliza o termo?

Neste aspecto, considerando essas perguntas e diante desta hipótese, procuraremos compreender se a relação entre apropriação cultural e o que se diz por racismo reverso realmente existe e, se sim, o que fazer para interromper essa cadeia cíclica.

METODOLOGIA

Para cumprir o **objetivo geral da pesquisa**, no que diz respeito à compreensão da hipótese e da investigação da relação entre a apropriação cultural e o mito do racismo

reverso, temas discutidos pela página *Todo dia um branco passando vergonha*, desenvolvemos uma metodologia baseada em três estratégias. De início, faremos uma análise descritiva da página em questão. Então, **interpretaremos** as postagens (que defendem a cultura africana e sua identidade étnica) e seus respectivos, mas também antagônicos, comentários (que sugerem a existência do "racismo reverso"). Por fim, analisaremos **empiricamente** um questionário a respeito da apropriação cultural feito por nós e respondido por pertencentes às comunidades de resistência negra on-line, bem como grupos de etnia e faixa etária variados.

ANÁLISE DESCRITIVA DA PÁGINA

A página *Todo dia um branco passando vergonha* foi criada em agosto de 2018 e conta atualmente com quase 123 mil curtidas no facebook. Anteriormente criada para discutir a apropriação cultural do rap, a página apresentou em pouco tempo um crescimento exponencial em seu número de seguidores, passando a abordar também outros aspectos da vivência negra.

Suas postagens são normalmente publicadas e assinadas por *#Tchalla* e *#Tempestade*, contudo não é apresentado nenhum indício da verdadeira identidade dessas pessoas, nem mesmo se cada assinatura corresponde a uma ou mais pessoas. Além disso, a página também publica contribuições de terceiros.

Os principais assuntos abordados pela página são, a existência de uma apropriação cultural, do colorismo e do *blackface* na sociedade, sendo **ambos** amplamente criticados através de postagens de cunho humorístico e memes, além de defender a inexistência do chamado racismo reverso

Por se posicionar duramente contra uma postura comum entre pessoas brancas, a página recebe diversos comentários e críticas que tanto a acusam de cometer racismo reverso quanto tentam defender e justificar os pontos criticados nas postagens. A reação negativa é tão intensa que uma página foi criada em oposição (Figura 1), tendo por nome *Todo dia um negro passando vergonha*. A página foi excluída da rede social, mas existiu até março de 2019.

Figura 1 - Print: página criada em oposição à página *Todo dia um branco passando vergonha*.

Além disso, fake news foram criadas para difamar e desacreditar a resistência exercida pela página em relação às opressões sofridas pela comunidade negra. Circulou em fevereiro de 2019 uma montagem (Figura 2) onde o nome da página aparecia seguido de uma publicação misógina, o que poderia ter causado um descompasso entre os ideais de seus seguidores, que, em sua maioria, se identificam com a luta contra o racismo e com a resistência feminina.



Figura 2 – Print: montagem e esclarecimento da página.

Nesse sentido, é evidente o quanto a fragmentação da identidade em meio a sociedade moderna é comum⁷ se observarmos que mesmo se tratando de uma comunidade virtual identitária de viés progressista, a colisão entre os tópicos racismo e misoginia poderia ter causado uma ruptura.

ANÁLISE ~~INTERPRETATIVA~~ DE POSTAGENS E COMENTÁRIOS

A primeira postagem a ser abordada (Figura 3) traz uma crítica à apropriação cultural ao apresentar como vergonhoso o fato da rapper branca Nabrisa afirmar sofrer preconceito em seu meio pela cor de sua pele. A postagem critica a afirmação baseada no fato de que o preconceito que a rapper afirma sofrer por parte dos negros não pode ser comparado ao preconceito vivido por toda comunidade negra durante séculos.

Além disso, o comentário de Nabrisa pressupõe um “privilégio” negro, sem considerar os aspectos de luta e resistência dos quais nasceram o rap e que permeiam a realidade da comunidade negra ainda nos dias de hoje. Nesse sentido, o comentário da rapper

⁷ Stuart Hall, *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*, p.18

estaria não somente desmerecendo o sofrimento negro ao longo da história, como também desrespeitando o espaço de rappers negros dentro da própria cultura.



Figura 3 - Print: postagem sobre o comentário da rapper Nabrisa.

A postagem recebeu diversos comentários, a maioria com memes rindo da afirmação da rapper e afirmando que as críticas recebidas por ela se devem à qualidade de seu trabalho e não a cor de sua pele, usando como argumento o sucesso de vários rappers brancos, como Eminem, por exemplo. Entretanto, alguns comentários defendiam a rapper, concordando com sua afirmação. Um dos comentários dizia: “Acho ela incrível como artista, então, a cor da pele fica para os esquerdistas”, pressupondo um posicionamento político de esquerda que acarretasse a prática de racismo reverso por parte da página.

A **segunda postagem** (Figura 4) aborda novamente a apropriação cultural no rap, dessa vez criticando uma postagem feita na rede social que não somente afirmava a prática de racismo reverso com rappers brancos como também insinuava uma superioridade do rap branco em detrimento do negro. No print, o autor da postagem assume que os brancos possuem um “privilégio em sociedade” e que foram responsáveis pela morte de muitos povos, mas defende que isso não os tira o direito de fazer rap. Caracteriza o espaço ocupado pelos brancos como algo “conquistado com anos de luta, sofrendo preconceito”.

A página *Todo dia um branco passando vergonha* critica a postagem, afirmando o conhecimento raso do autor do texto, que diz ouvir rap desde 2016. São sublinhados no print os trechos considerados mais absurdos, **sendo eles** o que afirma a prática de racismo reverso, o que defende uma luta por parte dos brancos para assumir um lugar dentro do rap e o que dá a entender que a morte de culturas por interferência branca não é grande coisa.

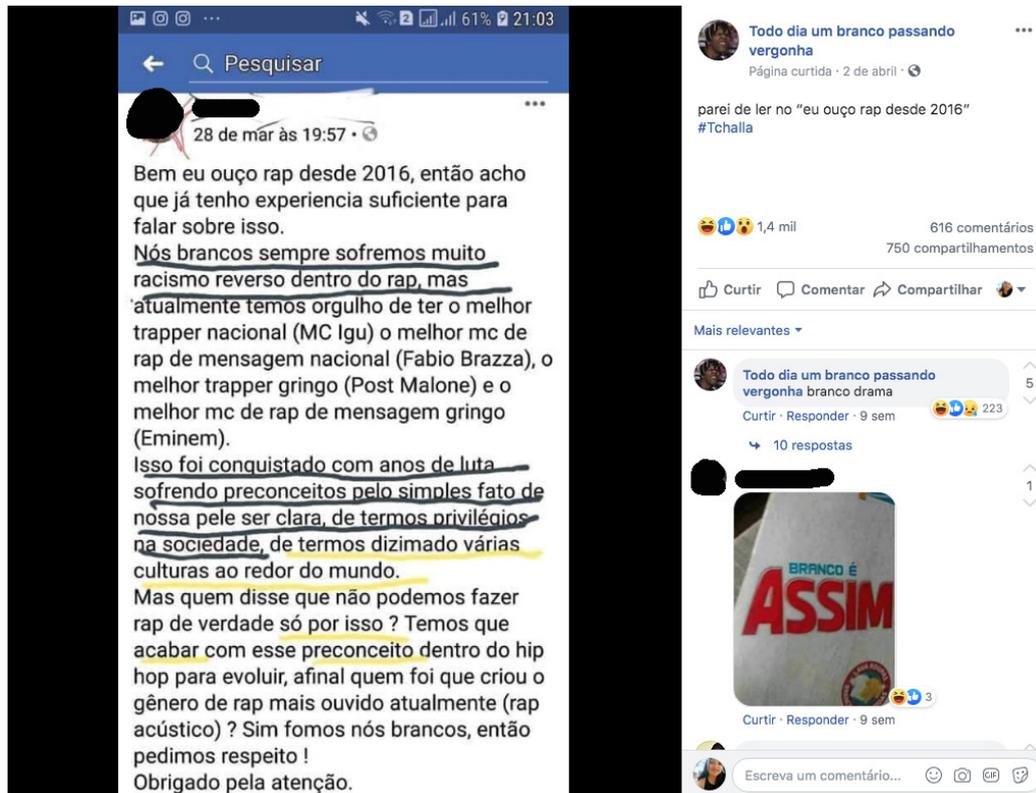


Figura 4 - Print: crítica a uma postagem na internet.

Os comentários a essa postagem eram, em sua maioria, memes criticando o texto printado pela página, embora houvesse quem concordasse com a superioridade dos rappers citados.

Já a terceira postagem (Figura 5) aborda um outro tema, denominado *blackface* – referência à antiga prática do teatro de pintar exageradamente de preto o rosto dos atores para que interpretassem pessoas negras carregadas de estereótipos racistas. No post, a página critica a postagem de uma blogueira que, em seu instagram, publicou uma foto onde sua pele aparecia escurecida por maquiagem e dizia ter acordado “com uma vontade doida de ficar morena”.



Figura 5 - Print: crítica ao *blackface*.

A crítica se baseia no comum fetiche pela cultura negra, que a estabelece como simples ferramenta de diversão e distração para pessoas brancas. Nesse sentido, Hooks⁸ explica as condições do *blackface* ao defender que:

o desejo de fazer contato com aqueles corpos tidos como o Outro, [mesmo] sem nenhuma vontade aparente de dominar, ameniza a culpa do passado, e até toma a forma de um gesto desafiador onde uma pessoa nega responsabilidade e conexão histórica. Mais significativamente, ele estabelece uma narrativa contemporânea onde o sofrimento imposto pelas estruturas de dominação naqueles designados

⁸ Apud Mário Augusto Oliveira Monteiro Rolim, 2016, p. 10.

como o Outro é desviada por uma ênfase na sedução e na ânsia onde o desejo não é redesenhar o Outro à sua semelhança mas se tornar o Outro.

Os comentários eram, em sua maioria, memes ironizando a situação ou textos revoltados com a postagem da blogueira. Um dos comentários, feito por uma moça negra, (Imagem 6) criticava o costume colocado em prática na foto de ignorar os problemas enfrentados pelos negros todos os dias.

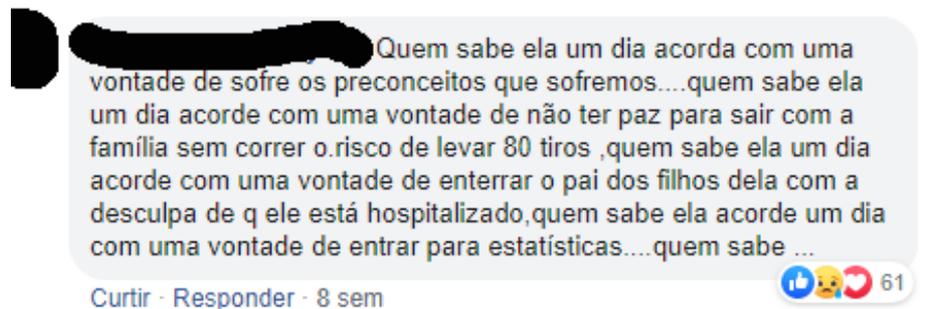


Figura 6 - Print: comentário de uma seguidora sobre postagem.

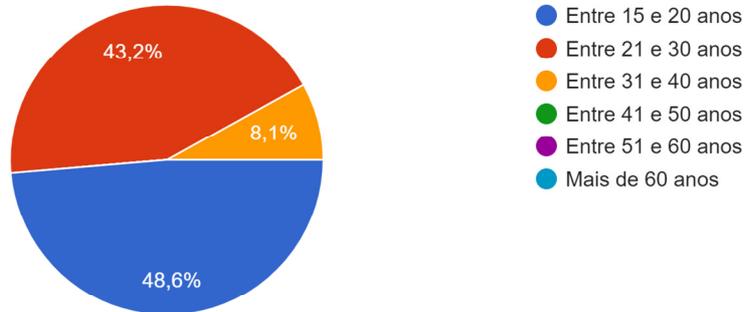
É evidente, portanto, que a questão da cultura racial é muito importante para os seguidores da página *Todo dia um branco passando vergonha*, que se identificam grandemente com as postagens e se sentem representados por elas.

ANÁLISE ~~EMPÍRICA~~ DO QUESTIONÁRIO

O questionário foi feito a partir da ferramenta *Google Forms* e distribuído através da internet em grupos de amigos e colegas de classe no *Whatsapp* e em grupos de coletivos da USP no *Facebook*, nos quais os integrantes do grupo são membros. Tendo em vista os meios onde foi distribuído, não é de se espantar que a maior parte das pessoas que responderam o questionário (48,6%) possuem entre 15 e 20 anos, tendo em segundo lugar com 43,2% das respostas pessoas entre 21 e 30 anos e por último com apenas 8,2% das respostas estão as pessoas entre 31 e 40 anos, não foram obtidas respostas de pessoas acima de quarenta anos.

Idade

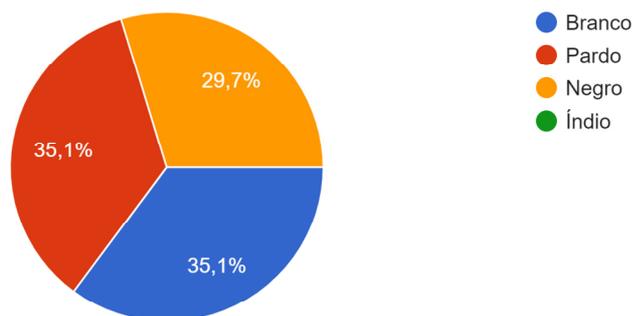
37 respostas



Depois foi perguntado como as pessoas se identificavam em relação a raça, 35,1% se identificam como “brancos”, também 35,1% se identificam como “pardos” e 29,8% como “negros” e desse total 75,7% não acreditam em racismo reverso e 24,3% acreditam, e dos que acreditam em racismo reverso 89% disseram se identificar como “negros” ou “pardos” e somente 11% se identificaram como “brancos”, o que é definitivamente surpreendente, pois os brancos seriam as vítimas desse racismo reverso e faria mais sentido se eles fossem a maioria que acredita na existência dele.

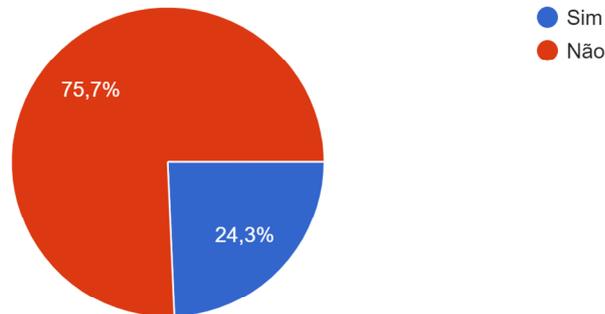
Você se considera:

37 respostas



Você acredita em racismo reverso?

37 respostas



Outro ponto analisado no questionário era a existência de apropriação cultural e a opinião das pessoas sobre ela, 86,5% acreditam na existência ou tinham uma opinião formada sobre apropriação cultural, e dos que acreditam 13,3% a consideram positiva, pois faz parte da extrema globalização que vivemos e é um bom modo de disseminar aspectos culturais diferentes; 23,3% acreditam que a apropriação cultural pode ter seus pontos negativos e positivos dependendo exclusivamente das intenções de cada indivíduo ao utilizar elementos de uma cultura diferente da sua e, por último, 63,4% das respostas consideram apropriação cultural algo ruim fruto de um racismo estrutural e é somente mais uma forma de opressão da cultura dominante sobre as minorias baseado no uso indiscriminado de elementos identitários delas somente por fatores estéticos e sem entender e respeitar a história e os propósitos de cada elemento ou da própria cultura como um todo.

E por último, das pessoas que enxergam apropriação cultural como algo positivo, 50% delas acreditam que é fruto do capitalismo e da globalização e que é direito de cada um se apresentar do jeito que bem entender, enquanto a outra metade só considera algo bom, sem demais explicações, desse primeiro grupo nenhum acredita em racismo reverso, com metade se identificando como “pardo” e a outra metade como “branco”, já no segundo grupo, composto por 50% brancos e 50% negros todos acreditam em racismo reverso.

CONCLUSÃO

Considerando a análise feita anteriormente, pode-se concluir que há uma forte relação entre a apropriação cultural e o discurso de “racismo reverso”. Conforme observado, boa parte das pessoas descrentes de que é possível alguém se apropriar da cultura de outrem ou que creem no senso comum que diz que “cultura não tem dono”, além de ter se declarado branca, também é favorável ao discurso do “racismo reverso”.

É perceptível que, apesar de a abolição da escravatura ter acontecido há mais de 150 anos, o Brasil continua sendo um país essencialmente racista, no qual a população conhece apenas muito superficialmente o problema do racismo e suas ramificações e consequências, sendo a apropriação cultural parte de ambas.

A apropriação cultural e o “racismo reverso” se relacionam na medida em que a apropriação cultural não é considerada algo real por aqueles que gritam a existência do racismo reverso, pois, ao serem acusadas de praticar a apropriação cultural, muitas dessas pessoas arguem que “se fosse um negro, ninguém estaria criticando”, considerando assim que qualquer crítica direcionada a uma pessoa branca em função, não só do tom da sua pele, mas também da banalização dos elementos de determinada cultura, como sendo racismo, ou, no caso, racismo reverso.

Além disso, com base no que a análise das postagens e comentários publicados na página *Todo dia um branco passando vergonha* evidencia, é possível afirmar que, nesse ambiente, o discurso de racismo reverso se estabelece quase como uma defesa da prática da apropriação cultural. Tal afirmação se valida a medida em que os comentários que acusam racismo reverso nascem nas postagens que criticam os casos de apropriação cultural, numa tentativa de refutar a problematização levantada.

Nesse sentido, a visão de um grupo de pessoas que se utiliza dos mecanismos disponíveis para resistir às injustiças do racismo e de um outro grupo que, por meio desses mesmos mecanismos, travam a batalha oposta, para negar o racismo e invalidar essa luta, prova que tais injustiças estão, de fato, longe de chegarem ao fim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAVIS, Angela. *Mulheres, Cultura e Política*: 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*: 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio: DP&A, 1999.
- hooks, bell. *Black Looks: Race and Representation*. 1st ed. Boston: South End Press, 1992.
- PINHEIRO, Lisandra Barbosa Macedo. “Negritude, Apropriação Cultural e a “Crise Conceitual” das Identidades na Modernidade”, Florianópolis, 2015.
- ROLIM, Mário Augusto Oliveira Monteiro “Rosto Branco, Voz ‘Negra’: a Reencenação da *Blackface* na Apropriação Cultural de Iggy Azalea”, Recife, 2016.
- SANTOS, Edson Bonfim dos. “Branquismo, Pensamento Colonizado e Racismo no Brasil”, Vitória, 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/scs/article/view/21714/14412>>. Acesso em: 02 maio 2019.
- SILVA, Talita Brasil e. “Apropriação cultural da estética negra: insituto geledés e o debate no ciberespaço”, Montevideo, 2017.
- SILVA, Renata Nascimento da. “A máscara obscura do ódio racial: segregação, anonimato e violência nas redes sociais”, Niterói, 2018.